

UM CÉPTICO

Ainda não me encontro bastante desapegado desse mundo, para que não me sentisse tentado a voltar a ele, no dia que assinalou o meu desprendimento da carcassa de ossos.

Se o vinte e sete de outubro marcou o meu ingresso no reino das sombras, que é a vida daí, o cinco de dezembro representou a minha volta ao paiz de claridades benditas, cujas portas de ouro são escancaradas pelas mãos poderosas da morte.

Nessa noite, o ambiente no cemiterio de São João Batista parecia sufocante. Havia um "que" de misterios, entre as catacumbas silenciosas, que me enervava, apesar da ausencia dos nervos tangíveis no meu corpo estranho de espirito. Todavia, toquei as flores cariciosas que a Saudade me levara, piedosa e compungidamente. O seu aroma penetrava o meu coração como um consolo brando, conduzindo-me, num retrospecto maravilhoso, ás minhas afeições comovidas, que haviam ficado á distancia.

E, foi entregue a essas cogitações, a que são levados os mortos quando penetram o mundo dos vivos, que vi, acorado sobre a terra, um dos companheiros que me ficavam proximos ao "bungalow" subterraneo com que fui mimoseado na terra carioca.

— O senhor é o dono desses ossos que estão por aí apodrecendo? interpelou-me.

— Sim, e a que vem a sua pergunta?

— Ora, é que me lembro do dia de sua chegada ao seu palacete subterraneo. Recordo-me bem, apesar de sair pouco dessa toca para onde fui relegado ha mais de trinta anos... O senhor se lembra? A urna funeraria, portadora dos seus despojos, saiu solenemente da Academia de Letras, altas personalidades da politica dominante se fizeram representar nas suas exequias e ouvi sentidos panegiricos pronunciados em sua homenagem. Muito trabalho tiveram as maquinas fotograficas na camara-dagem dos homens da imprensa e tudo fazia sobressair a imponencia do seu nome illustre. Procurei aproximar-me de si e notei que as suas mãos, que tanto haviam acariciado o espadim academico, estavam inermes e que os seus miolos, que tanto haviam vibrado, tentando aprofundar os problemas humanos, estavam reduzidos a um punhado de massa informe, onde apenas os vermes encontrariam algo de util. Entretanto, embora as homenagens, as honrarias, a celebridade, o senhor veio humildemente repousar entre as tibias e os humeros daqueles que o antecederam na jornada da Morte. Lembra-se o senhor de tudo isso?

— Não me lembro bem... Tinha o meu

espírito perturbado pelas dores e emoções sucessivas.

— Pois eu me lembro de tudo. Daqui, quasi nunca me afasto, como um olho de Argos, avivando a memoria dos meus vizinhos. O senhor conhece as criptas de Palermo?

— Não.

— Pois, nessa cidade, os monges, um dia, conjugando a piedade com o interêsse, inventaram um cemiterio bizarro. Os mortos eram mumificados e não baixavam á sepultura. Prosseguiam de pé a sua jornada de silencio e de mudez espantosa. Milhares de esqueletos ali ficaram, em marcha, vestidos ao seu tempo, segundo os seus gostos e opiniões. Muito rumor causou essa parada de caveiras e de canelas, até que um dia um inspetor da hygiene, visitando essa casa de sombras da vida e enojado com a presença dos ratos que roiam dispolcemente as costelas dos trespassados ricos e illustres, que se davam ao gosto de comprar ali um lugar de descanso, mandou cerrar-lhe as portas pelo ministro Crispi, em 1888. Ora, bem: eu sou uma especie dos defuntos de Palermo. Aqui estou sempre de pé, apezar dos meus ossos estarem dissolvidos na terra, onde se encontraram com os ossos dos que foram meus inimigos.

— A vida é assim, disse-lhe eu; mas, porque se dá o amigo a essa ingloria tarefa, na

solidão em que se martiriza? Não teria vindo do orbe com bastante fé, ou com alguma credencial que o recomendasse a este mundo cujas fileiras agora integramos?

— Credenciais? Trouxe muitas. Além da honorabilidade de velho politico do Rio de Janeiro, trazia as insignias da minha fé catolica, apostolica, romana. Morri com todos os sacramentos da igreja; porém, apezar das palavras sacramentais, da liturgia e das felicitações dos hissopes, não encontrei viva alma que me buscasse para o caminho do Céu, ou mesmo do Inferno. Na minha condição de defunto incompreendido, procurei os templos catolicos, que certamente estavam na obrigação de me esclarecer. Contudo, depressa me convenci da inutilidade do meu esforço. As igrejas estão cheias de mistificações. Se Jesus voltasse agora ao mundo, não poderia tomar um atomo de tempo pregando as virtudes cristãas, na base luminosa da humildade. Teria de tomar, incontinenti, ao regressar a este mundo, um latigo de fogo e trabalhar anos a fio no saneamento de sua casa. Os vendilhões estão muito multiplicados e a época não comporta mais o Sermão da Montanha. O que se faz necessario, no tempo atual e no tocante a esse problema, é a creolina de que falava Guerra Junqueiro, nas suas blasfemias.

— Mas, o irmão está muito céptico. É preciso esperança e crença...

— Esperança e crença? Não acredito que elas salvem o mundo, com essa geração de condenados. Parece que maldições infinitas perseguem a moderna civilização. Os homens falam de fé e de religião, dentro do snobismo e da elegância da época. A religião é para uso externo, perdendo-se o espírito nas materialidades do século. As criaturas parecem muito satisfeitas sob a tutela estranha do diabo. O nome de Deus, na atualidade, não deve ser evocado senão como máscara, para que os enigmas do demonio sejam resolvidos.

Não estamos nós aqui, dentro da terra da Guanabara, paraíso dos turistas, cidade maravilhosa? Percorra o senhor, ainda depois de morto, as grandes avenidas, as arterias gigantes da capital e verá as crianças famintas, as mãos enauseantes dos leprosos, os rostos desfigurados e palidos das mães sofredoras, enquanto o governo remodela os teatros, incentiva as orgias carnavalescas e multiplica regalias e distrações. Vá ver como o cancer devora os corpos enfermos no hospital da Gámbôa; ande pelos mórros, para onde fugiu a miséria e o infortunio; visite os hospícios e leprosários. Ha de se convencer da inutilidade de todo serviço em favor da esperança e da crença. Em materia de religião, tente materia-

lizar-se e corra aos predios elegantes e aos bungalows adoraveis de Copacabana e do Leblon, suba a Petropolis e grite a verdade. O seu fantasma seria corrido a pedradas. Todos os homens sabem que hão de chocalhar os ossos, como nós, algum dia, mas, um vinho diabolico enevenenou no berço essa geração de infelizes e de descrentes.

— Porque o amigo não tenta o Espiritismo. Essa doutrina representa hoje toda a nossa esperança.

— Já o fiz. É verdade que não compareci em uma reunião de sabedores da doutrina, conhecedores do terreno que perquiriam; mas, estive em uma assembléa de adeptos e procurei falar-lhes dos grandes problemas da existencia das almas. Exprobrei os meus êrros do passado, penitenciando-me das minhas culpas para escarmenta-los; mostrei-lhes as vantagens da prática do bem, como base unica para encontrarmos a senda da felicidade, relatando-lhes a verdade terrivel, na qual me achei um dia, com os ossos confundidos com os ossos dos miseraveis. Todavia, um dos componentes da reunião interpelou-me a respeito das suas tricas domesticas, acrescentando uma pergunta quanto á marcha dos seus negocios.

Desiludi-me.

Não tentarei coisa alguma. Desde que temos vida depois da morte, prefiro esperar a

hora do Juízo Final, hora essa em que deverei buscar um outro mundo, porque, com respeito á Terra, não quero chafurdar-me na sua lama. Por estranho paradoxo, vivo depois da morte, serei adepto da congregação dos descrentes...

— Então, nada o convence ?

— Nada. Ficarei aqui até á consumação dos évos, se a mão do Diabo não se lembrar de me arrancar dessa toca de ossos moidos e cinzas asquerosas. E, quanto ao senhor, não procure afastar-me dessa misantropia. Continúe gritando para o mundo que lhe guarda os despojos. Eu não o farei.

E o singular personagem recolheu-se á escuridão do seu canto imundo, enquanto pesava no meu espirito a certeza dolorosa da existência dessas almas vãs e incompreendidas, na parada eterna dos tumulos silenciosos, para onde os vivos levam de vez em quando as flores perfumadas da sua saudade e da sua afeição.

13 de Dezembro de 1935.

A ORDEM DO MESTRE

Avizinhandose o Natal, havia tambem no Céu um reboiço de alegrias suaves. Os Anjos acendiam estrelas nos cômodos de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias mis-

teriosas que encheram um dia de encantadora suavidade a noite de Belém. Os pastores do paraíso cantavam e, enquanto as harpas divinas tangiam suas cordas sob o esforço caricioso dos zéfiros da imensidade, o Senhor chamou o Discipulo Bem Amado ao seu trono de jasmims matizado de estrelas.

O vidente de Patmos não trazia o estigma da decrepitude, como nos seus ultimos dias entre as Espórades. Na sua fisionomia pairava aquela mesma candura adolescente que o caracterizava no principio do seu apostolado.

— João — disse-lhe o Mestre — lembreste do meu aparecimento na Terra?

— Recordo-me, Senhor. Foi no ano 749 da éra romana, apesar da arbitrariedade de Frei Dionisios, que colocou erradamente o vosso natalicio em 754, calculando no seculo VI da éra cristã.

— Não, meu João — retornou docemente o Senhor — não é a questão cronologica que me interessa, em te arguindo sobre o passado. É que nessas suaves comemorações vêm até mim o murmúrio doce das lembranças!...

— Ah! sim, Mestre Amado, retrucou presuroso o Discipulo, compreendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento. Oh!... se me lembro... a mangedoira, a estrela guiando os poderosos ao estabulo humilde, os canticos harmoniosos dos pastores, a alegria res-